

Medicina Veterinária

## **CARCINOMA ESPINOCELULAR SUBUNGUEAL EM CÃO: RELATO DE CASO**

Thalita Magalhães Esteves de Sales - Acadêmica do 4º período do Curso de Medicina Veterinária, FZMV/UFLA/Lavras/MG - Thalita.sales1@estudante.ufla.br

Lara Vilela Soares - Acadêmica do 10º período do Curso de Medicina Veterinária, FZMV/UFLA/Lavras/MG – lara.soares@estudante.ufla.br

Victória Franciscani Coimbra - Médica Veterinária Residente - Clínica Cirúrgica e Anestesiologia de Animais de Companhia, FZMV/UFLA/Lavras/MG – victoriafcoimbra@gmail.com

Gabrielle Cumpre Cezário - Médica Veterinária Residente - Clínica Cirúrgica e Anestesiologia de Animais de Companhia, FZMV/UFLA/Lavras/MG – gabrielle.cezario@estudante.ufla.br

Ana Beatriz Barion - Médica Veterinária Residente – Diagnóstico por Imagem em Medicina Veterinária, FZMV/UFLA/Lavras/MG – beatrizbarion10@hotmail.com

Rogério Magno do Vale Barroso - Professor Adjunto - Setor de Cirurgia Veterinária, FZMV/UFLA/Lavras/MG – barroso@ufla.br - Orientador(a)

### **Resumo**

As neoplasias digitais primárias são pouco comuns no cão, sendo o carcinoma espinocelular a mais frequente, seguida do melanoma maligno. Outros tumores que podem afetar o dígito são o osteossarcoma, mastocitoma, histiocitoma e sarcomas de tecido mole. As manifestações clínicas encontradas são tumorações e alterações em unha, normalmente correlacionadas a infecções secundárias, e claudicação. Os tumores digitais podem apresentar lise óssea levando a fratura da falange afetada. O diagnóstico é feito a partir de exames complementares e o tratamento consiste na associação da terapia cirúrgica e quimioterapia adjuvante. Este trabalho tem como objetivo relatar o caso de uma cadela da raça Golden Retriever, de 9 anos de idade, 33 kg de peso corporal que foi atendida no Hospital Veterinário (UFLA) com histórico de claudicação e ferida em dígito que não cicatrizava. Ao exame clínico verificou-se impotência funcional do membro pélvico esquerdo, hipotrofia muscular, massa ulcerada na região de dígitos II e III com presença de secreção purulenta e fétida, áreas de hiperkeratose e linfonodo poplíteo ipsilateral reativo. Os exames laboratoriais realizados não apresentaram alterações. A citologia feita por punção aspirativa foi inconclusiva. Os exames de cultura microbiológica confirmaram infecção secundária. A radiografia evidenciou lesão lítica na falange distal do dígito II e proliferação periosteal nas falanges dos dígitos subsequentes. Instaurou-se tratamento conservativo com limpeza da ferida, colocação de bandagem, analgesia, terapia antibiótica e antifúngica sistêmica e tópica. Após melhora considerável da lesão, foi realizada a amputação digital a nível de articulação metatarsocafalangeana e linfadenectomia do linfonodo sentinela. A paciente foi diagnosticada com carcinoma espinocelular subungueal, confirmado por meio de exame histopatológico, apresentando margens preservadas. O linfonodo removido encontrava-se livre de malignidade. Os exames de imagem não detectaram metástases. A paciente apresentou plena recuperação, sendo recomendada instituição de quimioterapia adjuvante, tendo em vista a malignidade e invasão local da neoplasia, a qual foi refutada pelo tutor.

Palavras-Chave: Neoplasia, Dígito, Cão.

Instituição de Fomento: Universidade Federal de Lavras

Link do pitch: [https://youtu.be/X\\_0GjY1CTc0](https://youtu.be/X_0GjY1CTc0)